

Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação

Caroline Mallmann Schneiders¹

Résumé: Dans cette étude, nous proposons une réflexion portant sur la notion d'archive, conformément aux approches de l'analyse du discours et de l'histoire des idées linguistiques. Notre intérêt est de réfléchir à propos de l'importance de l'archive pour la constitution d'un *corpus* d'analyse et pour les gestes d'interprétation portés sur ce *corpus*, c'est-à-dire, pour établir les dispositifs analytiques d'une recherche. Nous soulignons le passage de l'archive au *corpus*, en mettant l'accent sur la nécessité du « retour à l'archive », proposé par Guilhaumou & Malidier (1986). Ce retour permet à la fois de constituer l'archive en tant qu'objet de recherche et le *corpus* en tant que matérialité d'analyse; par conséquent, cette constitution relève des gestes d'interprétation. Ces questions sont importantes parce qu'elles nous conduisent au processus historico-idéologique de production de sens des matérialités discursives.

Mots-clé: archive; *corpus*; effets de sens.

Resumo: No presente estudo, apresentamos algumas considerações a respeito do modo como a noção de arquivo é entendida em um estudo inserido na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, vinculada aos pressupostos da Análise de Discurso. O nosso interesse é refletir sobre a importância do arquivo para a constituição do *corpus* de análise e para os gestos de interpretação lançados sobre esse *corpus*, ou seja, para estabelecer os procedimentos analíticos de determinada pesquisa. Destacamos, sobretudo, o desdobramento do arquivo ao *corpus*, e, para tanto, consideramos necessário o 'retorno ao arquivo', conforme expressão dada por Guilhaumou & Malidier (1986), uma vez que tal retorno permite constituir o arquivo, enquanto objeto de pesquisa, e o *corpus*, enquanto materialidade de análise, constituição que é perpassada por gestos de interpretação. Tais questões interessam-nos devido ao fato de elas nos conduzirem ao processo histórico-ideológico da produção de sentido(s) de dada materialidade discursiva.

Palavras-chave: arquivo; *corpus*; efeitos de sentido.

1 Para iniciar

Nos estudos que vimos desenvolvendo junto ao campo da História das Ideias Linguísticas (HIL) e aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD), observamos a presença de duas questões que, para nós, vêm se colocando no cerne de uma pesquisa vinculada a tais domínios, quais sejam: a noção de arquivo e de gestos de interpretação. Entendemos que são noções fundamentais, sobretudo, para o estabelecimento do dispositivo analítico,

1 Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista CAPES. Trabalho desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer.

pois, por meio da maneira como se concebe a noção de arquivo, é possível constituir o *corpus* de análise, ou seja, compreender a passagem do arquivo ao *corpus*, cujo movimento é essencial para o desenvolvimento de toda pesquisa vinculada à HIL e à AD.

Contudo, não podemos considerar a passagem do arquivo ao *corpus* como um simples movimento, visto que a constituição tanto do arquivo de pesquisa quanto do *corpus* de análise colocam em jogo gestos de interpretação. Considerando a importância desse movimento, o propósito do presente artigo é apresentar uma discussão em torno da noção de arquivo, e, ao mesmo tempo, refletir sobre o seu funcionamento a partir dos gestos de interpretação que podem ser lançados não só no que concerne a sua constituição e à do *corpus*, mas também no que diz respeito à produção de sentido(s).

Tal interesse parte do pressuposto da necessidade de levarmos em conta um duplo efeito constitutivo do arquivo, pois neste podem ser projetados gestos de interpretação que permitem a sua constituição, ou, conforme ressalta Petri (2000), gestos que permitem a seleção prévia das fontes; ou ainda gestos de interpretação projetados sobre sua materialidade, os quais possibilitarão compreender não só sentidos que tendem a estar cristalizados (memória institucionalizada), mas, especialmente, efeitos de sentido, devido ao arquivo ser determinado pela articulação entre língua e história.

Propomos esse estudo, a fim de refletir sobre a importância dessas questões no que tange à configuração dos procedimentos analíticos. Para Orlandi (2001, p. 27), o “que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”, afirmação esta que pode ser estendida para estabelecer o arquivo de pesquisa e o *corpus* de análise. Isso permite considerar a existência de um conjunto de procedimentos instalado para chegarmos ao dispositivo analítico², o qual é marcado pelos gestos de interpretação que, por sua vez, produzem determinado(s) sentido(s). Com vistas a enfatizar o funcionamento do desdobramento do arquivo ao *corpus*, destacamos, especialmente, uma discussão teórica, porém, fazendo referência ao nosso estudo de doutoramento para exemplificar como entendemos e chegamos a esse desdobramento tão fundamental para a instalação dos procedimentos analíticos.

2 Da dispersão à ‘unidade’: o retorno ao arquivo e a constituição do *corpus*

Para compreender o desdobramento do arquivo ao *corpus*, é relevante pontuar a respeito do modo como a noção de arquivo é tratada no âmbito da HIL e da AD. Para tanto, enfatizamos como diferentes autores concebem essa noção e, a partir disso, destacamos nosso entendimento acerca de sua contribuição para os procedimentos analíticos das pesquisas que vimos desenvolvendo junto ao campo da HIL³.

Partindo do ponto de vista foucaultiano, a noção de arquivo está vinculada a um viés arqueológico, definido como “uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação” (FOUCAULT, 2010 [1969], p. 147). Essa primeira definição aponta para um primeiro ponto a ser considerado quando da constituição de um arquivo: trata-se de

2 Ao tratarmos do dispositivo analítico, devemos também considerar o dispositivo teórico, o qual se refere ao pressuposto teórico-metodológico da AD mobilizado para a realização de certa pesquisa. Orlandi (2001) destaca que o dispositivo teórico engloba o dispositivo analítico, pois, quando pensamos neste, pensamos “no dispositivo teórico já ‘individualizado’ pelo analista em uma análise específica (p. 27)”.

3 Destacamos a contribuição da noção de arquivo para os estudos em HIL, todavia partimos da relação deste domínio com o da AD.

um lugar em que emerge a heterogeneidade, podendo abarcar enunciados/discursos de ordens distintas.

Nos estudos realizados e que fazem referência à noção de arquivo, a heterogeneidade pode ser entendida como algo constitutivo do arquivo, pois, mesmo visando a uma questão específica de análise em determinado estudo, é uma multiplicidade de documentos que emergem a respeito da temática de interesse. Diante disso, retomamos e embasamo-nos na noção de arquivo proposta por Pêcheux (1994 [1982], p. 57), para o qual é um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”.

Segundo Pêcheux, a constituição do arquivo está relacionada aos gestos de leitura, que apontam para a possibilidade de diferentes ‘maneiras de ler’, ou diferentes maneiras de apreender e interpretar os documentos pertencentes a certo arquivo. Isso coloca em jogo o “trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (PÊCHEUX, 1994 [1982], p. 57).

Por meio do ‘trabalho’ do arquivo e da memória histórica, é possível, diante do conjunto de documentos com o qual nos deparamos, lançar gestos de interpretação em torno da discursividade que constitui o arquivo organizado referente à temática de pesquisa. Cada gesto de interpretação é sempre único, tornando-o inesgotável na medida em que todo gesto configura um novo tratamento ao arquivo, produzindo diferentes efeitos de sentido.

É aí que se instala, para nós, o “poder do arquivo”, retomando a expressão utilizada por Roudinesco (2001). A reflexão proposta pela autora, em torno do arquivo, busca conjugar a sua relação com a psicanálise, no entanto, destaca questões fundamentais a respeito da importância do arquivo, considerando-o como a condição da história. Também, pontua a importância do acesso ao arquivo, pois tal acesso possibilita nova(s) leitura(s) acerca da história que está oficializada, bem como destaca a questão da falta e do excesso do mesmo, considerando que, se

tout est archivé, si tout est surveillé, noté, jugé, l’histoire comme création n’est plus possible: elle est alors remplacée par l’archive devenue savoir absolu, miroir de soi. Mais si rien n’est archivé, si tout est effacé ou détruit, l’histoire tend vers le fantasme ou le délire, vers la souveraineté délirante du moi, c’est-à-dire vers une archive réinventée fonctionnant comme un dogme (ROUDINESCO, 2001, p. 10)⁴.

Desse modo, o arquivo, para Roudinesco (2001), vincula-se à ideia de totalidade, de estabilização de sentidos e da história, além do fato de a totalidade e a estabilização estarem na ordem, sobretudo, do institucional, e isso nos permite lançar gestos de interpretação sobre o arquivo. Tais gestos são fundamentais para compreender a relação contraditória que o envolve, ou ainda o seu ‘poder’, que determina, mas, ao mesmo tempo, acaba sendo determinado, visto que é passível de interpretação.

A partir desse ponto de vista, retomamos uma longa passagem de Guilhaumou & Maldidier (1986) sobre o modo como entendem o arquivo, através da qual observamos não só o lugar conferido a tal noção, mas também o seu funcionamento:

4 Tradução nossa: “se tudo é arquivado, se tudo é vigiado, notado, julgado, a história como criação não é mais possível: ela é, então, substituída pelo arquivo que se tornou absoluto, espelho de si. Mas se nada é arquivado, se tudo é apagado ou destruído, a história se estende em direção ao fantasma ou ao delírio, em direção à supremacia delirante do eu, quer dizer, em direção a um arquivo reinventado, funcionando como um dogma”.

L'archive n'est jamais donnée; à première lecture, son régime de fonctionnement est opaque. Toute archive, et surtout manuscrite, s'identifie par la présence d'une date, d'un non propre, du sceau d'une institution, etc., ou encore par la place qu'elle occupe dans une série. Pour nous cette identification, essentiellement institutionnelle, est insuffisante: elle ne dit pas tout, loin de là, du fonctionnement de l'archive. Notre pratique actuelle de l'analyse de discours retrouve les préoccupations des historiens des mentalités qui, en construisant des objets comme la mort, la peur, l'amour, le profane et le sacré, mettent en évidence, par la confrontation de séries archivistiques, des régimes démultipliés de production, circulation et lecture de textes. Ces historiens travaillent à la fois sur la longue durée et sur l'événement: l'institution – et le classement archivistique qu'elle impose – est toujours pour eux une cote mal taillée. C'est que l'archive n'est pas le reflet passif d'une réalité institutionnelle; elle est, dans sa matérialité et sa diversité mêmes, mise en ordre par son horizon social (GUILHAUMOU & MALDIDIÉ, 1986, p. 43)⁵.

Pela citação acima, queremos enfatizar, como já mencionamos anteriormente, a questão institucional, uma vez que pensar o arquivo é pensar também o institucional e o político, instâncias que determinam o que pode e deve ou o que não pode e não deve ser posto em circulação pelo arquivo e, especialmente, o que deste pode ou não ser lido (ROMÃO; FERREIRA; DELA-SILVA, 2011). O institucional torna-se, portanto, algo constitutivo do arquivo e tende a estabilizar determinados efeitos e a cristalizar sentidos, sendo, por isso, que devemos considerar a importância da leitura, por meio da qual poderemos lançar gestos de interpretação sobre o estabilizado, a fim de observar o trabalho da memória e da história que afetam o arquivo.

Desconstruir o pressuposto de que o arquivo é constituído por um sentido estável e único, desconsiderando a sua determinação histórica e ideológica, é uma das tarefas de que nos ocupamos nas pesquisas desenvolvidas no campo da HIL e da AD. Para tanto, a leitura do arquivo consiste em uma leitura fundamentada pelo olhar do analista, olhar que permite projetar gestos de interpretação sobre a discursividade do arquivo, visto que este não apresenta apenas sentidos vinculados a uma memória institucionalizada, mas, sobretudo, efeitos de sentido, os quais são compreendidos devido à articulação entre língua e história, o que torna possível os 'múltiplos gestos de leitura'. Para Pêcheux, é "esta relação entre *lingua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história, que constitui o nó central de trabalho de arquivo" (1994 [1982], p. 63, grifos do autor).

Além disso, o próprio modo como determinado arquivo é arranjado já coloca em jogo gestos de interpretação, pois, como bem destaca Petri (2000), o arquivo é resultante de uma

5 Tradução de Suzi Lagazzi e José Horta Nunes: "O arquivo nunca é dado *a priori*, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco. Todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional etc., ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Essa identificação, puramente institucional, é para nós insuficiente: ela diz pouco do funcionamento do arquivo. Nossa prática atual de análise do discurso retoma as preocupações dos historiadores de mentalidades, que na construção de objetos como a morte, o medo, o amor, o profano e o sagrado, instalam, pela confrontação de séries arquivistas, regimes múltiplos de produção, circulação e leitura de texto. Esses historiadores trabalham ao mesmo tempo sobre a longa duração e sobre o acontecimento: a instituição – e a classificação arquivista que ela impõe – sempre mantém, para eles, uma divisão problemática. Isso porque o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social". Referência à tradução em português do artigo citado: *Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da história*. In: ORLANDI, E. (org.). *Gestos de Leitura*: da história no discurso, 1994.

seleção prévia das fontes e a “leitura de arquivo deve ser antes de tudo um ato político no interior de um espaço de leitura polêmico, onde se produzem e se reproduzem discursos” (p. 122). Dessa forma, os gestos são decorrentes tanto da determinação histórica que afeta o arquivo, como também da posição ideológica do sujeito que o está produzindo e que, ao mesmo tempo, se produz/constitui no interior dessa discursividade, (de)marcando a posição sócio-histórica ideológica em que está inscrito.

O arquivo, do ponto de vista discursivo, configura-se como um objeto linguístico e histórico, situado entre a materialidade da língua e da história, como referenda Pêcheux (1994 [1982]). É essa relação entre língua e história que permite a instauração dos gestos de interpretação, os quais partem da base linguística com vistas a explicitar como a língua se inscreve na história, produzindo sentidos. Assim, a língua “é capaz de contradições, de jogo com e sobre os sentidos, porque a língua, como sabemos, tem mecanismos de resistência, não é transparente, e não o é porque se inscreve na história” (ROMÃO; FERREIRA; DELA-SILVA, 2011, p. 13).

Ainda, podemos compartilhar do que Nunes enfatiza a respeito do arquivo, o qual

não é visto como um conjunto de “dados” objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos. O material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de “comprovação”, onde se suporia uma interpretação unívoca (NUNES, 2007, p. 374).

Dessa forma, ao trabalharmos com a noção de arquivo, consideramos a opacidade da língua e a determinação histórica que lhe afeta, por meio das quais compreendemos que o arquivo é afetado por uma historicidade. Tais questões são imprescindíveis para a materialidade produzir sentidos, uma vez que os “objetos já vêm, pois, significados dadas as condições verbais de sua existência. Isto é historicidade, interdiscurso, memória discursiva” (ORLANDI, 2012, p. 44).

É importante levar em consideração o que vimos tratando a respeito dos gestos de interpretação, devido ao fato de a memória constitutiva do arquivo ser, segundo Orlandi (2003), da ordem do institucional, isto é, uma memória institucionalizada, que acumula e visa a estabilizar sentidos, contrapondo-se à memória vinculada ao interdiscurso. A memória institucionalizada produz tais efeitos sobre o arquivo por fazer parte do pressuposto de que “o dizer é documento, atestação de sentidos, efeito de relações de forças” (ORLANDI, 2003, p. 15). O arquivo caracteriza-se por apresentar o que deve ou não ser dito, constituído por um efeito de fechamento, produzindo uma memória que

tem a forma da instituição que congela, que organiza, que distribui sentidos. O dizer nessa relação é datado. Reduz-se ao contexto, à situação de época, ao pragmático. Enquanto interdiscurso, porém, a memória é historicidade, e a relação com a exterioridade alarga, abre para outros sentidos, dispersa, põe em movimento (ORLANDI, 2003, p. 15).

É nesse sentido que se coloca a importância dos gestos de interpretação, uma vez que, considerando o arquivo enquanto uma materialidade discursiva, a memória que se pretende fixar pode apresentar sentidos outros devido ao caráter opaco da língua e da relação com a história. A partir disso, compreendem-se, portanto, os processos de produção de sentido(s), que, por sua vez, conjugam-se à noção de historicidade. Segundo Nunes (2007),

construir dispositivos de análise de arquivo que levem em conta a historicidade dos sentidos e que permitam compreender a pluralidade dos gestos de interpretação: para além de uma relação imediata com as instituições, esse parece ser um campo produtivo para a continuidade das práticas de leitura de arquivo que a AD promove (NUNES, 2007, p. 375).

Tratar da constituição do arquivo configura-se, para nós, como o primeiro momento dos procedimentos analíticos para o desenvolvimento de determinada pesquisa, sendo, portanto, não apenas uma categoria teórica, mas sim uma categoria teórico-metodológica. Consideramos como o primeiro momento, já que, arranjado o arquivo, podemos estabelecer o segundo momento: o da constituição do *corpus* analítico, entendido enquanto “um sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou de justaposição de homogeneidades contrastadas” (PÊCHEUX & LÉON, 2011 [1982], p. 165).

Pela concepção da noção de *corpus* destacada, observamos um ponto de contato entre tal noção e a de arquivo, qual seja: a questão da heterogeneidade, visto que ambos se constituem por apresentar um espaço analítico heterogêneo. Junto a essas noções, nos estudos que vimos propondo, há outra noção que deve ser considerada, a noção de recorte discursivo (RD), uma operação descritiva que permite recortar, fragmentar o objeto de pesquisa, e cada fragmento é tratado como uma unidade de análise, constituída por uma forma material.

Orlandi (1984) enfatiza que o recorte constitui-se como uma unidade discursiva, por serem fragmentos vinculados a uma ‘linguagem-e-situação’. A autora, ainda, destaca que o(s) critério(s) de seleção dos recortes pode(m) variar “segundo os tipos de discursos, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise” (1984, p. 14). Para Orlandi (2005), por meio do recorte, pode-se explicitar como uma forma material, tomada em sua especificidade, que é linguística e histórica, produz sentidos.

Nos estudos que desenvolvemos, o *corpus* é estabelecido pelo(s) recorte(s) realizado(s) tendo em vista determinado critério vinculado à questão de pesquisa. Por esse viés, cada recorte deve ser considerado em sua especificidade, mas levando em conta que não são fragmentos tomados em sua linearidade e que podem pertencer a espaços e tempos distintos. Em decorrência dessa peculiaridade em torno do ato de recortar, tomamos, em nossas pesquisas, cada fragmento enquanto um recorte discursivo (RD), ou seja, não o tratamos como uma sequência discursiva (SD).

Para nós, não se trata apenas de uma mudança no modo de denominar, mas sim um gesto de interpretação que leva em conta o fato de cada RD ser uma unidade de análise, que, por sua vez, vincula-se a uma materialidade discursiva, inserida em determinadas condições de produção. Segundo nosso ponto de vista, a noção de RD coloca-se como mais apropriada quando de um estudo vinculado à HIL, permitindo traçar, no interior de uma heterogeneidade e multiplicidade de documentos que compõe o arquivo de pesquisa, uma ideia, mesmo que imaginária, de unidade para o *corpus de análise*, unidade que se estabelece no jogo com a heterogeneidade.

Por meio dessas considerações concernentes, sobretudo, à noção de arquivo, nosso propósito foi o de enfatizar como tal noção é tratada nos estudos vinculados à HIL e à AD, a fim de observar a sua importância para os procedimentos analíticos, visto que é pelo arquivo que estabelecemos o *corpus* de análise. Assim, consideramos que, nos estudos que vimos realizando, há um movimento do arquivo ao *corpus* indispensável para o desenvolvimento de

toda e qualquer pesquisa em HIL, movimento que, no entanto, é dotado de significação, pois se constitui a partir de gestos de interpretação lançados sobre a discursividade do arquivo.

3 O olhar interpretativo e o desdobramento do arquivo ao *corpus*: dos gestos de interpretação à produção de sentido(s)

Deste momento em diante, destacamos algumas palavras sobre a importância dos gestos de interpretação, contudo, não realizamos uma reflexão exaustiva, pois nos interessa observar a contribuição desses gestos para os procedimentos analíticos das pesquisas desenvolvidas no campo da AD e da HIL.

O termo gesto de interpretação é, para o viés discursivo, resultante do fato de se considerar a interpretação como um ‘gesto’, um ato no nível do simbólico, segundo Orlandi (2004). Para Orlandi (2004), o gesto de interpretação instaura-se em função de o espaço simbólico ser marcado pela incompletude e por estar em relação com o silêncio. A interpretação, conforme a autora, é um ‘vestígio do possível’ e o lugar onde podemos observar o funcionamento da ideologia, além de ser materializada pela história. A relação com a história é fundamental para a interpretação, uma vez que “ela sempre se dá de algum lugar da história e da sociedade e tem uma direção, que é o que chamamos de política” (ORLANDI, 2004, p. 18-19), ou seja, os gestos de interpretação permitem apreender a maneira como a materialidade discursiva é afetada pela ideologia, pela história e pelo político.

Quando pensamos a interpretação, sobretudo, em relação ao arquivo, devemos, como aponta Orlandi (2004), considerar que se refere a uma forma distinta, vinculada à divisão social do trabalho da leitura, tal como Pêcheux (1994 [1982]) desenvolveu em seu artigo intitulado *Ler o arquivo hoje* e que é retomado pela autora. Pensar a leitura e, por conseguinte, a interpretação, pelo viés proposto por Pêcheux, não é pensá-la enquanto uma simples decodificação de determinado sistema linguístico, é pensá-la enquanto produção de sentido(s). No entanto, o(s) sentido(s) que emanam da leitura, segundo o ponto de vista discursivo, tem um funcionamento diferenciado, por serem produtos de uma prática histórica, social e ideológica (ORLANDI, 2004).

Com isso, entendemos que, por meio da leitura, os gestos de interpretação constituem-se e vinculam-se ao modo como trabalhamos com a “materialidade da língua na discursividade do arquivo” (ZOPPI-FONTANA, 2005). Tendo isso em vista, instala-se a produção de efeitos de sentido, sendo pelo modo como o pesquisador se coloca frente à materialidade em análise e ao arquivo de pesquisa que o(s) sentido(s) irão se produzir, pois o “sens n’est pas donné a priori, il se construit à chaque étape de la description. Il n’est jamais achevé dans une structure; il procède de *la matérialité de la langue et de l’archive*, il est tout à la fois contraint et ouvert” (GUILHAUMOU, MALDIDIER & ROBIN, 1994, p. 201)⁶.

A interpretação, e, por conseguinte, o(s) sentido(s), a partir do ponto de vista discursivo,

se construit dans la manière même dont s’agencent les arguments, les récits, les descriptions. Ainsi le sens n’est jamais posé par rapport à un extérieur non langagier; il se bâtit à travers des dispositifs d’archive où se manifeste la matérialité de la langue (GUILHAUMOU, MALDIDIER & ROBIN, 1994, p. 195)⁷.

6 Tradução nossa: “sentido não é dado a priori, ele se constrói a cada etapa da descrição. Ele jamais é finalizado em uma estrutura; ele procede da *materialidade da língua e do arquivo*, ele é, toda vez, limitado e aberto”.

7 Tradução nossa: “se constrói na maneira mesma que se agenciam os argumentos, as narrações, as descrições. Assim, o sentido jamais é colocado em relação a um exterior não linguageiro; ele se edifica através dos dispositivos do arquivo onde se manifesta a materialidade da língua”.

Os gestos de interpretação são balizados pelo dispositivo teórico mobilizado em decorrência do *corpus* de análise, os quais trazem à baila possíveis sentidos inscritos no interior da materialidade discursiva em análise. No entanto, o *corpus* e o arquivo de pesquisa são duplamente perpassados pelo funcionamento da ideologia, por serem constituídos ideologicamente e pelo fato de os gestos de interpretação também estarem afetados historicamente e ideologicamente, bem como condicionados por uma inquietação que se refere à pergunta de pesquisa posta pelo analista.

Tendo em vista a discussão apresentada a respeito do arquivo e dos gestos de interpretação, não destacamos uma proposta analítica, uma vez que, como pontuado no início do presente estudo, interessa-nos enfatizar a importância de tais noções para os procedimentos analíticos adotados para o desenvolvimento de determinada pesquisa. Para tanto, trazemos uma amostra de como procedemos em nossos estudos, a fim de observar o movimento existente entre o arquivo e o *corpus*.

A questão de pesquisa perseguida, nos estudos que vimos realizando, visa a compreender a articulação entre os saberes da Filologia e os saberes da Linguística, e, para tal compreensão, interessa-nos analisar como os saberes da Linguística, via *Cours de linguistique générale*, estão atravessados no fio do discurso, constituindo os estudos filológicos do Brasil, sobretudo, até a primeira metade do século XX. Tal interesse nos colocou frente ao primeiro desafio: delimitar um arquivo de documentos relativo e pertinente à questão de pesquisa proposta, tarefa exaustiva na medida em que as pesquisas filológicas predominaram no meio acadêmico até os anos de 1950. Diante da dispersão com que nos deparamos, propomos critérios com vistas a delimitar um arquivo de pesquisa relevante, que foram: considerar o período mais representativo no que se refere ao desenvolvimento das pesquisas linguísticas até os anos de 1950; e, após tal delimitação, selecionar estudos de um nome expressivo da época.

A partir disso, delimitamos a década de 50, do século XX, como sendo o recorte temporal de nossos estudos e as obras de Serafim da Silva Neto como nosso interesse de análise. No entanto, devido à diversidade temática das obras do autor, embora todas envolvendo uma reflexão sobre a língua, tornou-se necessário uma nova delimitação: verificar as obras mais pertinentes para a questão que percorremos. Por meio dessas delimitações, que, para nós, já se colocam como gestos de interpretação, gestos resultantes do interesse de pesquisa, constituímos o arquivo de pesquisa com o qual vimos realizando nossos estudos, composto pelo seguinte conjunto de obras, de Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1950); *Manual de Filologia Portuguesa* (1952); *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (1956); *História do Latim Vulgar* (1957); e *Língua, Cultura e Civilização* (1960).

Essa breve descrição realizada sobre o modo como compomos o nosso arquivo de pesquisa corrobora, portanto, com a afirmação de que o arquivo vincula-se a uma seleção prévia das fontes e o fato de que é heterogêneo, ligado à dispersão. É, pois, por meio da discursividade do arquivo que o *corpus* de análise poderá ser organizado, ou seja, a discursividade do arquivo possibilita o movimento do arquivo ao *corpus*, movimento que está na base dos procedimentos metodológicos e analíticos de toda pesquisa. Pelo *corpus*, compreendemos, portanto, como a materialidade da língua produz efeitos de sentido.

Zoppi-Fontana (2005), fazendo referência à constituição do *corpus* a partir do arquivo, adota uma concepção dinâmica de *corpus*, considerando-o em constante construção. Assim, o *corpus* não é algo dado, posto, é organizado de acordo com o desenvolvimento da análise, tendo como norte a questão de pesquisa adotada, bem como os gestos de in-

interpretação lançados sobre o arquivo, uma vez que estes gestos são determinantes para recortar o arquivo e, por conseguinte, determinar o *corpus* de análise.

Seguindo esse viés, Courtine (2009 [1981]) considera que a “constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma forma certa (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa” (p. 54). É importante ter em vista que o *corpus* de análise não só permitirá compreender as inquietações postas, mas também proporcionará novas inquietações, resultantes do próprio desenvolvimento da pesquisa. É, por isso, que o *corpus* está em constante construção, possuindo um fechamento provisório e configurando-se somente no momento em que as análises finalizam (ZOPPI-FONTANA, 2005).

Essa questão nos remete à metáfora do ‘movimento pendular’ proposta por Petri (2013), devido ao fato de os procedimentos de análises serem perpassados pelo ir e vir da teoria para a análise ou da análise para a teoria. Tal movimento pendular “agita os processos de produção de sentidos sobre o corpus, movimentando a contemplação que estagnaria o analista e, conseqüentemente, o movimento de análise” (PETRI, 2013). Desse modo, o dispositivo teórico-analítico de uma pesquisa vinculada à AD e à HIL, não é estanque, assim como não é o arquivo e o *corpus*, os quais se constituem, portanto, no interior do processo analítico.

Ainda, devemos fazer referência a dois momentos imprescindíveis para o desenvolvimento analítico de uma pesquisa, quais sejam: descrever e interpretar. Para Pêcheux (2006, p. 50), a descrição implica reconhecer que há “um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua⁸”, tal como proposto por Milner. Pêcheux (2006) aponta o fato de que toda descrição permitirá observar o “discurso-outro como espaço virtual de leitura” (p. 55) do enunciado ou da seqüência que está sendo descrita. A presença do discurso-outro na materialidade, segundo o autor, marca “a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (PÊCHEUX, 2006, p. 55), o que permite a instauração da interpretação e, por conseguinte, a produção de sentido(s).

Para nós, descrever é colocar em evidência a materialidade da língua, mobilizando o dispositivo teórico da AD em função do que o *corpus* está nos oferecendo, e entendendo que é nesse movimento que a interpretação se constitui, porém, não podemos precisar o momento da descrição e da interpretação, por serem processos que se configuram quando do desenvolvimento das análises. É, pois, no momento em que lançamos gestos de interpretação sobre a materialidade da língua que o(s) sentido(s) se produz(em) e que chegamos à compreensão acerca da constituição de determinada discursividade.

Orlandi (2004), retomando Pêcheux (2006), destaca que a descrição abre sobre a interpretação, o que, para a autora, é um trabalho do sentido sobre o sentido. A autora destaca que a interpretação é resultante de gestos, entendidos como atos no nível do simbólico, os quais configuram à interpretação um estatuto particular, visto que “estar *na* língua, com os gestos de interpretação, significa estar sendo trabalhado pela língua em uma perspectiva discursiva, aquela em que a língua faz sentido, em que ela é afetada pela história” (2004, p. 87).

A partir disso, consideramos que a própria constituição do arquivo e do *corpus*, além de se colocarem num nível metodológico, colocam-se como procedimentos analíticos essenciais e são balizados por gestos de interpretação, uma vez que, no momento em que delimitamos o arquivo e o *corpus*, já adentramos a materialidade da língua, laçando gestos que têm como norte a questão analítica a ser compreendida.

8 A expressão ‘real da língua’ é entendida por Pêcheux tal como propõe Milner, sobretudo, em *L’Amour de la Langue*.

4 Para finalizar

Com a reflexão proposta, podemos dizer que a noção de arquivo tem um papel de protagonista quando de uma pesquisa no campo da AD e da HIL, visto que o “archive n’est pas un simple document où se puisent les référents; elle s’offre à une lecture qui découvre des dispositifs, des configurations significantes” (GUILHAUMOU & MALDIDIER, 1986, p. 43)⁹. Trabalhar com a noção de arquivo é considerar, também, como atesta Scherer (2012), “a relação entre o desejo do sujeito de ter acesso a tudo e o freio institucional que determina o que pode ser lido do arquivo e o que não poderá ser. Ou seja, estamos pensando o âmbito do controle e do político na forma como os arquivos se constituem”¹⁰.

Desse modo, o ‘retorno ao arquivo’ é fundamental, pois, quando retornamos a sua discursividade, lançamos leituras que produzirão novos sentidos, novos gestos de interpretação. Como ressaltam Guilhaumou & Maldidier (1986),

Le retour à l’archive ouvre donc à l’analyse de discours des possibilités multiples. Loin d’être une méthodologie auxiliaire pour les historiens, une aventure sans rivages pour les linguistes, celle-ci peut trouver en elle-même des critères d’intelligibilité. En embrassant à la fois les co-présences langagières qui font corpus, les usages réflexifs et l’épaisseur de la langue, elle se pose comme discipline interprétative à part entière (GUILHAUMOU & MALDIDIER, 1986, p. 54)¹¹.

O retorno ao arquivo é, portanto, central para a constituição do *corpus* de análise, pois, ao nos voltarmos para a discursividade do arquivo, tendo em vista determinada questão de pesquisa e ancorados em determinado dispositivo teórico-analítico, o olhar lançado não será neutro, mas sim interpretativo. Este olhar interpretativo é o que nos interessa, visto que, por meio dele, estabelecemos os procedimentos analíticos que nos possibilitam chegar à materialidade da língua e à compreensão do processo de produção de sentidos, levando em consideração que se trata de um processo linguístico, histórico e ideológico.

Referências

- COURTINE, J-J. *Análise de discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFScar, 2009 [1981].
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER. Effets de l’archive. L’analyse de discours du côté de l’histoire. In: *Langages*, 21e année, n°81, 1986. p. 43-56.

9 Tradução de Suzi Lagazzi e José Horta Nunes: “arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes”.

Referência à tradução em português do artigo citado: *Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da história*. In: ORLANDI, E. (org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*, 1994.

10 Referência à palestra realizada pela Profª. Dr. Amanda Scherer em reunião de trabalho no LAS/UFF, em 25 de janeiro de 2012.

11 Tradução de Suzi Lagazzi e José Horta Nunes: “O retorno ao arquivo abre então à análise de discurso possibilidades múltiplas. Longe de ser uma metodologia auxiliar para os historiadores, uma aventura sem margens para os linguistas, esta pode encontrar nela mesma critérios de inteligibilidade. Abraçando ao mesmo tempo as co-presenças languageiras que constituem corpus, os usos reflexivos e a espessura da língua, ela se coloca como disciplina inteiramente interpretativa”. Referência à tradução em português do artigo citado: *Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da história*. In: ORLANDI, E. (org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*, 1994.

- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D; R. ROBIN. *Discours et archive*. Expérimentations en analyse du discours. Pierre Mardaga, 1994.
- FOUCAULT, M. F. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Brasileira. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. RJ: Forense Universitária, 2010 [1969].
- NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, SP: Claraluz, 2007. p. 373-380.
- ORLANDI, E. Segmentar ou recortar. In: *Série Estudos*, Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (lingüística: Questões e Controvérsias), 1984. p. 9-26.
- _____. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, Editora Pontes, 2001.
- _____. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: _____. (org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 7-20.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas, Editora Pontes, 2004.
- _____. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. 2. ed. Campinas, Editora Pontes, 2005.
- _____. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje [1982]. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 3. ed. SP: Campinas, Editora da Unica, 1994. p. 55-66.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- _____; LÉON, J. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva [1982]. In: ORLANDI, E. (org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 163-173.
- PETRI, V. Por um acesso fecundo ao arquivo. In: *Revista Letras: Corpus: Análise de Dados e Cultura Acadêmica*, nº 21, jul./dez., p. 121-125, 2000.
- _____. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: Verli Petri; Cristiane Dias. (Org.). *Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria-RS: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, v. 1, p. 39-48.
- ROMÃO, L. M. S.; FERREIRA, M. C.; DELA-SILVA, S. D. Arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (orgs.). *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 11-21.
- ROUDINESCO, R. *L'analyse, l'archive*. Bibliothèque nationale de France, 2001.
- ZOPPI-FONTANA, M. Arquivo jurídico e exterioridade. A construção do *corpus* discursivo e sua descrição/interpretação. In: GUIMARÃES, E.; BRUM-DE-PAULA, M. (orgs.). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 93-116.